

GRA

W.E.B.

DU  
BOIS

W.E.B.

DU

BOIS

STRUÇÃO

RECONSTRUÇÃO

NEGRA

R

RECONSTRUÇÃO

RECONSTR

NEGRA

NEGRA

BOIS

W.E.B.

DU

VALUATION AND CITY PRO  
GEORGIA NEGROES

BOIS

W.E.B.

DU

RECONSTRUÇÃO

BOIS

RECONSTRUÇÃO

NEGRA

NEGRA

RECONS

NEGRA

W.E.B.

BOIS

W.E.B.

DU

SLAVES AND FREE NEGROES.



**RECONSTRUÇÃO  
NEGRA**  

---

**W.E.B.  
DU  
BOIS**  

---

**ensaio para uma história do papel  
desempenhado pelo povo negro  
na tentativa de reconstruir  
a democracia na América,  
1860-1880**

**TRADUÇÃO**

**MURILLO VAN DER LAAN**

**APRESENTAÇÃO E REVISÃO DA TRADUÇÃO**

**MATHEUS GATO E SÁVIO CAVALCANTE**



## Sumário

Prólogo	<b>7</b>
Apresentação à edição brasileira	<b>9</b>
Ao leitor	<b>31</b>
<b>1. O trabalhador negro</b>	<b>33</b>
<b>2. O trabalhador branco</b>	<b>49</b>
<b>3. O latifundiário</b>	<b>67</b>
<b>4. A Greve Geral</b>	<b>93</b>
<b>5. A vinda do Senhor</b>	<b>125</b>
<b>6. Olhando para trás</b>	<b>171</b>
<b>7. Olhando para frente</b>	<b>229</b>
<b>8. A transubstanciação de um branco pobre</b>	<b>285</b>
<b>9. O preço do desastre</b>	<b>373</b>
<b>10. O proletariado negro na Carolina do Sul</b>	<b>431</b>
<b>11. O proletariado negro no Mississippi e na Louisiana</b>	<b>483</b>
<b>12. O proletariado branco no Alabama, na Geórgia e na Flórida</b>	<b>539</b>
<b>13. O duelo pelo controle do trabalho na fronteira e na divisa</b>	<b>579</b>
<b>14. A contrarrevolução da propriedade</b>	<b>633</b>
<b>15. A fundação da escola pública</b>	<b>689</b>
<b>16. Retrocesso em direção à escravidão</b>	<b>723</b>
<b>17. A propaganda da história</b>	<b>765</b>
Bibliografia	<b>785</b>
Glossário de nomes	<b>797</b>
Sobre o autor	<b>811</b>



W. E. B. Du Bois em sua mesa de trabalho em 1935. Reprodução cortesia de W. E. B. Du Bois Papers, Robert S. Cox Special Collections and University Archives Research Center, UMass Amherst Libraries.

## Prólogo

*Ruth Wilson Gilmore*

*Reconstrução negra* começa com uma greve geral e termina com uma reflexão sobre a propaganda da história. Ao longo do percurso, Du Bois narra o drama da ascensão e da queda – mas não do completo apagamento – da ação emancipatória, reinterpretando as evidências contidas em publicações convencionais sobre a Reconstrução. Seu método é semelhante ao de um cientista de laboratório que refaz um experimento para verificar se o relatório publicado condiz com o processo. O que Du Bois vê e nos mostra, com base nessas evidências, é a luta entre formas políticas irreconciliáveis: a democracia abolicionista e a democracia industrial.

Muitas forças e experiências moldaram as estratégias interpretativas de Du Bois. Formado em história e em sociologia, ele estava familiarizado com os arquivos do Bureau dos Libertos. Socialista, participou de movimentos de libertação negra, pan-africanistas e internacionalistas anticoloniais. Por exemplo, reuniu-se com combatentes pela libertação das nações mais escuras, em Paris, em 1919, para exigir assentos na mesa de negociações de Versalhes. Os militantes foram rejeitados pelos Estados imperialistas devastados pela guerra, que se curvaram ao domínio crescente dos Estados Unidos. Du Bois lecionou, pesquisou, organizou exposições e editou periódicos acadêmicos e populares. Profundamente consciente da propagação do fascismo durante a Grande Depressão, momento em que realizou a pesquisa para este livro e o redigiu, ele enfatizou a importância de pensar a atividade de libertação como conjunto de práticas espacialmente desiguais, flexíveis e cumulativas – em outras palavras, como modelos gerais, não como algo a ser estritamente copiado.

Refletimos sobre as formas políticas antagônicas. A democracia industrial reforça a legitimidade do capitalismo, e os capitalistas, como classe, não se contentam em exercer seu poder no local de trabalho. Os processos de produção e alocação do mais-valor exigem estruturas coercitivas para a imposição de obrigações e a sua proteção, bem como sistemas simbólicos que façam com que a estrutura pareça natural, necessária e inevitável. Em outras palavras, as relações de propriedade capitalistas exigem não apenas as leis que moldam as condições de produção e reprodução, mas também a violência

## RECONSTRUÇÃO NEGRA

organizada para fazer cumprir a ordem social. Os capitalistas (sem distinção de raça) exploram as diferenças sociais ao consagrar desigualdades, como a hierarquização racial, a fim de enfraquecer os trabalhadores como classe independente. Eles recompensam a cumplicidade contrarrevolucionária com salários psicológicos: para Du Bois, alguns trabalhadores brancos pobres aceitam suas privações desde que elas propiciem um certificado de superioridade (o salário psicológico), que inclui uma participação que é vedada a outros.

Em contradição antagônica com a democracia industrial, a democracia abolicionista surgiu de baixo para cima, moldada por pessoas antes escravizadas e por todas aquelas que se uniram solidariamente para construir um novo mundo. O novo mundo não surgiu do nada. A greve geral ocorreu devido à longa e complexa tomada de consciência dos escravizados de que eles eram produtores de valor – a greve impôs um duplo golpe à agricultura capitalista. A abolição, nessa narrativa, é um longo e contínuo processo de autoemancipação, que despontou em todo o mundo atlântico – e que começou junto com a própria escravidão atlântica séculos antes. A abolição se cristalizou em muitos lugares e em variados modelos, incluindo o conhecimento acumulado de insurreições, paralisações, marronagem, marinheiros, artesãos, escolas, música, dança e formas espirituais. Tais atividades – como acadêmicos, griôs e lideranças organizativas mostraram repetidas vezes – podem persistir na vida cotidiana sem serem totalmente reconhecidas ou podem ser revividas e revisitadas. Ao mesmo tempo, e com frequência no mesmo lugar, como mostra Du Bois, outras formas da longa luta global pela emancipação humana surgem de novas necessidades ou relações. De algum modo, por meio da agressividade criativa, as pessoas descobrem formas que podem satisfazer tais necessidades. Pensar assim não é pressupor a ideia de estágios de desenvolvimento como padrão, mas levar a sério as constantes inovação e renovação da emancipação em termos estruturais, ou seja, nas formas sociais. Du Bois nos fala sobre a educação pública e outras instituições complexas e observa que a experiência do trabalhador negro durante a Reconstrução oferece aos pesquisadores (militantes!) a oportunidade de estudar indutivamente a teoria marxista do Estado. As práticas materiais, conceituais e simbólicas de autoemancipação acumuladas, que nunca cessaram por completo, deram forma às instituições e às sociedades do pós-Guerra Civil dos Estados Unidos criadas pelas pessoas naquela região – e em outros lugares. A democracia abolicionista não é uma versão da democracia liberal (industrial), mas a forma política por meio da qual, em vários locais e escalas de atividade, a emancipação se condensa como poder de autodeterminação.

## Apresentação à edição brasileira

Matheus Gato  
Sávio Cavalcante

### I

Começar pelo registro de uma efeméride talvez seja a melhor forma de apresentar o significado desta primeira tradução completa ao português de *Reconstrução negra*<sup>1</sup>, obra magna do sociólogo e historiador William Edward Burghardt Du Bois. Em 2025, a primeira edição do livro nos Estados Unidos completou nove décadas. E, até este ano, não havia qualquer tradução do original em inglês para outra língua<sup>2</sup>. Dada a importância da obra para diversas áreas das ciências humanas, essa demora de quase um século impressiona, mas tem raízes profundas na história política do século XX.

Ainda que Du Bois já tenha sido alçado a um lugar no cânone, esse é um movimento que via de regra o toma como um clássico da literatura afro-americana, isto é, uma leitura que enfatiza seu trabalho ensaístico em detrimento de sua produção declaradamente acadêmica composta em gênero monográfico, como sua tese defendida em Harvard *The Suppression of the African Slave-trade to the United States of America* [A supressão do tráfico de africanos escravizados para os Estados Unidos] (1894), *O negro da Filadélfia* (1899)<sup>3</sup>, o conjunto de relatórios das chamadas Conferências de Atlanta e este *Reconstrução negra*. A progressiva aproximação de Du Bois com o marxismo – que marca decisivamente seu trabalho a partir da conjuntura da Primeira Guerra Mundial e culmina em seu ingresso no Partido Comunista ao fim da vida, depois de ser

---

<sup>1</sup> Retomamos a forma pela qual o título foi apresentado na capa da primeira edição da editora Harcourt, Brace and Company, de 1935; ou seja, com destaque para a expressão “Reconstrução negra”. Tal disposição salienta o alcance mais global de sua análise da modernidade capitalista e da pertinência da categoria de reconstrução negra para os estudos de outras formações nacionais.

<sup>2</sup> Em abril de 2025, foi também publicada uma edição em espanhol: *Reconstrucción negra: ensayo sobre la historia del pueblo negro en su intento por reconstruir la democracia en América, 1860-1880* (trad. Angela Narváez León, Buenos Aires, Tinta Limón, 2025).

<sup>3</sup> Ed. bras.: *O negro da Filadélfia: um estudo social* (trad. Cristina Patriota de Moura, São Paulo, Autêntica, 2023).

## RECONSTRUÇÃO NEGRA

duramente perseguido pela política macarthista – também contribuiu para constranger a circulação de sua obra nos anos tensos da Guerra Fria. Por um lado, a tendência contemporânea de parte considerável dos pesquisadores em restringir a interpretação de Du Bois apenas à produção inicial de sua carreira é o rescaldo silencioso do conservadorismo político entre pretensos liberais, negros e brancos. Por outro lado, a centralidade dos processos de racialização na análise da formação dos grupos sociais contida em *Reconstrução negra* desafiou, desde a data de sua publicação, aquelas frações da esquerda, marxistas ou não, que ignoravam a dimensão material do racismo, bem como o potencial de emancipação das lutas afro-atlânticas quando elaboradas em seus próprios termos políticos e culturais<sup>4</sup>.

Esses obstáculos políticos e epistemológicos nos ajudam a compreender por que a luta negra pelos direitos civis nos Estados Unidos e a onda de protestos estudantis conhecida como Black Campus no período entre 1965 e 1975 – sua exigência de que o fim da segregação racial das universidades fosse acompanhada de uma renovação das práticas pedagógicas e rompesse em definitivo com o eurocentrismo dos currículos – são acontecimentos tão fundamentais para entender as condições sociais de circulação e recepção da obra de Du Bois. Também não é mera coincidência que as primeiras iniciativas de organização da obra completa do autor e seus arquivos tenha partido de pessoas como o historiador judeu comunista Herbert Aptheker e a engajada antropóloga negra Irene Diggs. No Brasil dos anos 1970 e 1980, Du Bois era uma referência para os intelectuais do movimento negro, como se vê em algumas citações de Lélia Gonzalez, em documentos do ativismo e na biblioteca pessoal de militantes, onde se poderia encontrar exemplares de *As almas do povo negro*<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Conforme destacou Cedric J. Robinson, essas tensões se originavam do conjunto de preocupações que orientaram a redação de *Reconstrução negra*: “Ele estava interessado em determinar como era possível que a cultura estadunidense e suas instituições tivessem se distanciado tanto do ideal democrático com o qual haviam se identificado estrutural e ideologicamente por tanto tempo. Ademais, como era possível que os socialistas estadunidenses estivessem tão mal equipados para lidar com o trabalhador negro, a comunidade negra e as relações sociais dos negros? Como a elite negra se vinculava ideologicamente com o capitalismo e se tornou alienada e desdenhosa das massas negras? Por que a teoria revolucionária estadunidense do século XX estava tão mal concebida, o movimento revolucionário, irreconhecível, e a mudança e a transformação revolucionárias, transmutadas numa questão de contingência e não de práxis? Ele acreditava que as respostas a essas perguntas residiam na história da República, mais especificamente, ele as buscou nas contradições dessa história”. Cedric Robinson, *Marxismo negro: a criação da tradição radical negra* (trad. Fernanda Silva e Sousa et al., Rio de Janeiro, Perspectiva, 2023 [1983]), p. 413.

<sup>5</sup> Ver Matheus Gato, “Redescobrir Du Bois”, *Cult*, São Paulo, Bregantini, v. 314, 2025, p. 10-4.

Esses percursos complexos, cujo maior detalhamento exigiria outro espaço para além desta apresentação, nos ajudam a compreender por que foi apenas nas últimas três décadas, já no século XXI, que pesquisadoras e pesquisadores e intelectuais, sobretudo nos Estados Unidos, passaram a reivindicar – ao que parece, com grande êxito acadêmico – um posto para Du Bois na lista de cânones da sociologia ou das ciências sociais como um todo. Não sem razão, a redescoberta de Du Bois no mundo acadêmico como um clássico das ciências sociais dependeu da “reconstrução negra” das universidades, a institucionalização dos *black studies* nos Estados Unidos, incluídas aí suas contradições e, em nosso caso, as reivindicações das organizações civis do movimento negro por ações afirmativas para pretos e pardos; a democratização, portanto, do acesso ao mundo universitário.

Dito de outro modo, a ausência de Du Bois no debate nacional de ideias – como em boa parte do mundo – revela a força das barreiras raciais e ideológicas que o autor enfrentou em seu próprio contexto de origem e o eurocentrismo do currículo acadêmico brasileiro em ciências humanas. Ao fim e ao cabo, a força da opressão da “linha de cor”, à direita e à esquerda do espectro político, combinada ao anticomunismo nos Estados Unidos, na esfera pública em geral e no campo acadêmico em particular, interditarão, por quase um século, a circulação e a plena legitimação científica de sua obra. É no interior desse movimento, então, que situamos o esforço coletivo dedicado a esta edição brasileira do livro<sup>6</sup>.

Du Bois nasceu em 1868 em Great Barrington, Massachusetts, poucos anos depois de Émile Durkheim (1858) e Max Weber (1864) e, como ambos, publicou resultados de pesquisas sociológicas empíricas no mesmo contexto do fim do século XIX e começo do XX. Era, porém, um intelectual negro, formado no outro lado do Atlântico e que viveu quatro décadas a mais que seus renomados pares europeus (que faleceram, respectivamente, em 1917 e 1920). Tais condições sociais lhe permitiram confrontar suas ideias sobre os grandes “testes da história” da modernidade capitalista no século XX, ou seja, o fizeram testemunhar a centralidade da raça para a estruturação do capitalismo em sociedades formadas pela escravidão e o colonialismo e quanto a luta imperial, que normalizara o extermínio e a exploração de gente escura no Caribe, na África e na Ásia, desembocaria em duas grandes guerras na própria Europa, na crise da ordem liberal capitalista dos anos 1930 e na ascensão do fascismo.

É justamente por essa desilusão intelectual com as promessas da modernidade que Du Bois fez de Karl Marx seu interlocutor e um dos personagens deste livro, que pretende explicar, entre outras coisas, que o processo ao qual o grande pensador alemão se referiu como acumulação

<sup>6</sup> Para uma leitura sobre a recepção no Brasil, ver também idem, “Du Bois: Made in Brazil”, *Afro-Ásia*, Salvador, UFBA, n. 69, 2024, p. 518-37.

## RECONSTRUÇÃO NEGRA

primitiva do capital não era, a rigor, “primitiva” – nem como história (uma etapa), nem como forma de relação social (um “arcaico” que pesaria sobre tudo o que está fora do centro). Tratava-se, simplesmente, de capitalismo em sua expressão mais acabada, racializada, tal como acontecia fora das grandes cidades imperiais europeias, nas zonas não metropolitanas do mundo, isto é, na maior parte do planeta. A persistência e a reinvenção da escravidão e outras modalidades de servidão são desenvolvimentos inerentes ao capitalismo avançado, não contradições de “periferias” que estariam condenadas ao eterno retorno de ideias fora do lugar. A indústria moderna é, a um só tempo, a violência escravista nos algodoads e a mercadoria da alta-costura exposta em vitrines; as covas rasas de gente morta nas plantações cafeeiras e o café com sabor inconfundível de Brasil nos restaurantes elegantes do mundo.

Para Du Bois, a experiência dos Estados Unidos era exemplar, porque essas duas faces da modernidade, que o capitalismo havia separado entre metrópoles e colônias distantes na história da dominação europeia, estavam ali reunidas nas fronteiras internas de um só país. Um mundo social onde se encontram financistas e empresários do Norte, operários e pobres lavradores brancos, latifundiários e senhores de terras do Sul, pessoas escravizadas e libertas. Uma soma de contradições que, a certa altura, fez com que todos esses agentes fossem tragados à brutalidade de uma Guerra Civil e ao que dela se forjou como consequência. Tudo isso, paradoxalmente, num modelo político que insistia em responder pelo nome de “democracia”.

Para o autor, a crise político-econômica dos anos 1930 e a ascensão do fascismo só poderiam ser compreendidas e combatidas caso essas conexões se tornassem explícitas, isto é, caso o desfecho reacionário do período pós-Guerra Civil fosse integrado à história do capitalismo global.

A ditadura militar foi revogada, e os representantes do capital nortista abriram mão de todos os esforços para liderar o voto dos negros. [...] E os Estados Unidos, reforçados pelo aumento do poder político do Sul assentado na privação do direito de voto dos negros, tomaram seu lugar para reforçar a ditadura capitalista deste país, que se tornou a mais poderosa do mundo, apoiou o novo imperialismo industrial e degradou o trabalho de cor em todo o mundo. [...] *Os Estados Unidos se transformaram em uma força reacionária*. Tornaram-se a pedra angular do novo imperialismo que está submetendo o trabalho dos povos amarelos, marrons e negros aos ditames do capitalismo organizado em uma base mundial; e isso não apenas aproximou a revolução que desafiará o poder do capitalismo, mas também está transformando a luta na forma sinistra de uma luta racial marcada por terríveis lembranças.<sup>7</sup>

As expressões concretas desse reacionarismo não param por aí. Du Bois identifica, nessa esteira, também suas variações mais cruas, perversas e, em muitos casos, abertamente violentas. A rigor, o conflito armado, para o povo

---

<sup>7</sup> Ver, neste volume, p. 683-4. Grifos nossos.

negro, não cessou em 1865. Du Bois explora, em várias dimensões e eventos, como a Reconstrução negra foi combatida, com armas e crimes de toda sorte, por movimentos e milícias civis de supremacistas brancos a partir dos quais se formaria, entre outros, a Ku Klux Klan. O grupo, como salientou Du Bois, é um precursor e inspirador do movimento fascista moderno que, no contexto em que o livro é publicado (1935), encontrava-se no poder na Itália e na Alemanha e que, poucos anos depois, levaria à Segunda Guerra Mundial e ao genocídio dos judeus e de outros povos na Europa.

Os nazistas, como Du Bois identificou de forma precursora, não partiram do zero. Tinham a seu dispor os acúmulos da experiência vivida e do modelo de segregação vindos do outro lado do Atlântico. A história da Reconstrução negra nas colônias, suas lutas e seus fracassos, era, sobretudo, a história de opressão e extermínio do mundo moderno em seu epicentro. Muita da clarividência de *Reconstrução negra* pode ser medida pelo fato de ter sido publicada pouquíssimos anos antes de os campos de concentração e extermínio nazista reunirem, numa mesma usina, o aprendizado colonial do assassinato em massa, viabilizado pela desumanização racial, e a tecnologia da produção serial de mercadorias, a grande obra da escravidão industrial. O capitalismo racial a plenos vapores e bafos da morte<sup>8</sup>. A história da publicação de *Reconstrução negra* e seu apagamento como referência clássica nos cursos de história e ciências sociais é parte da história intelectual do horror no século XX e suas vivas consequências em nosso tempo, seja na ação genocida do Estado de Israel contra palestinos na Faixa de Gaza, seja na política administrativa de deixar morrer pela fome o povo indígena ianomâmi no território do Alto Xingu.

É preciso, portanto, ler *Reconstrução negra* com certo senso de urgência, da mesma forma como se faz com os textos clássicos que nos ensinam uma forma potente de interrogar a realidade e que, sobretudo, têm a capacidade

<sup>8</sup> Neste ponto, vale a pena citar o material registrado em Herbert Aptheker, *The Literary Legacy of W. E. B. Du Bois* (Nova York, Kraus International Publications, 1989), p. 237: “O *Nazi Bund* na cidade de Nova York publicou um periódico mimeografado na década de 1930 chamado *American Bulletin: The White Man’s Viewpoint*. Uma suástica separava as duas palavras principais do título da publicação. Em sua edição de 18 de junho de 1935 (p. 3-5), a atenção é voltada para a obra de Du Bois *Black Reconstruction* e para a resenha do livro no jornal *The New York Times* de 16 de junho. Nela, somos informados de que o livro de Du Bois “é tão tendencioso em seu relato sobre a injustiça social contra os negros” e que “as conclusões gerais sobre os problemas dos negros [estão] tão exatamente em conformidade com a influência desagregadora judaica que a importância de uma análise deste ângulo do problema judaico na vida nacional americana não pode ser superestimada”. O texto continua a descrever o “domínio satânico” que os judeus têm sobre os meios de propaganda: que isso faz parte do esforço dos judeus para desestabilizar toda a civilização e que eles sabem que os negros, sendo inferiores, “NUNCA PODERÃO NEM SERÃO IGUAIS AOS HOMENS BRANCOS”.

## RECONSTRUÇÃO NEGRA

de preservar sentido muito além do seu próprio tempo. A seguir, exploramos mais diretamente duas dimensões centrais que justificam essa afirmação: o lugar que o livro ocupa na discussão historiográfica do tema e sua contribuição original para a sociologia como um todo e no marxismo em particular.

### II

O primeiro passo importante para a leitura de *Reconstrução negra* é que, embora a exposição dos eventos tenha como cenário os Estados Unidos, não estamos diante de um livro de “história nacional”. Os objetos de investigação e do conhecimento de Du Bois são outros: o desenvolvimento racializado do capitalismo; as estratégias de emancipação construídas por gente negra escravizada e livre para construir a democracia em seus próprios termos; e as contradições e os limites estruturais da democracia (“industrial”) liberal, isto é, o regime democrático “realmente existente” de sociedades em que predomina o modo de produção capitalista.

A democracia social radical, cuja derrota Du Bois nos faz conhecer neste livro, é justamente aquela imaginada, e levada à prática até onde foi possível, por líderes, ativistas e grupos que representavam os milhões de seres humanos transplantados sob coerção do outro lado do Atlântico e por séculos submetidos à dominação racial e à exploração econômica do modelo escravocrata e colonial a partir do qual se ergueu o capitalismo no Ocidente. Enfim, a interdição da *democracia abolicionista* retratada por Du Bois significava a recusa, tanto do Sul quanto do Norte, de uma formação social cujo modelo político correspondesse, de fato, às promessas liberais de uma modernidade supostamente comprometida, em termos racionais e morais, com os princípios da igualdade, da liberdade e da dignidade humanas.

Segundo passo: o universo empírico da pesquisa de Du Bois neste livro não é propriamente a Guerra Civil que opôs, de 1861 a 1865, o Norte (União) e o Sul (confederados) dos Estados Unidos, mas o momento subsequente, chamado de Reconstrução (1865-1876). Um período em que os estados sulistas derrotados foram submetidos a diversas formas de controle externo e intervenção militar do governo federal preservado com a vitória da União. Ao eleger esse curto, porém decisivo, contexto de redefinição política do país depois de um conflito que ceifou por volta de 750 mil vidas de soldados e um número indefinido de vítimas civis, o objetivo principal de Du Bois foi evidenciar que o Estado-nação que se produziu nos Estados Unidos desde então – o país que, juridicamente segregado, era a realidade de Du Bois em 1935, que perdurou até 1965 e, de muitos modos, até hoje se mantém – só foi historicamente possível por ter derrotado um modelo vigoroso de democracia abolicionista imaginado e encampado, fundamentalmente, pelo povo negro escravizado ou liberto.

Esse tema não era novo na agenda de pesquisa de Du Bois. No livro de ensaios *As almas do povo negro* (1903)<sup>9</sup>, ele havia dedicado um capítulo inteiro (“Sobre o raiar da liberdade”) para discutir, com inegável simpatia, as ações do Bureau dos Libertos, órgão de Estado instituído durante a Reconstrução para atender às necessidades da comunidade negra. Posteriormente, o autor apresentou, em evento da American Historical Association, o artigo “Reconstruction and Its Benefits” [A Reconstrução e seus benefícios], no qual já apresenta a tese, desenvolvida nesta obra, de que o período 1865-1876 foi rico em experimentação democrática nos Estados Unidos. Du Bois retornou ao tema no livro *The Gift of Black Folk* [A dádiva do povo negro], de 1924, em que há um capítulo inteiramente dedicado à Guerra Civil e ao período da Reconstrução. Em todos esses textos, avançou duas hipóteses de trabalho cruciais de *Reconstrução negra*: a centralidade da escravidão entre as causas da Guerra Civil e a agência da gente negra na reconstrução política do país nos anos seguintes.

Nesse momento, Du Bois integrava um esforço coletivo de releitura do período da Reconstrução realizado por ativistas e intelectuais negros nas primeiras décadas do século XX. No ano 1903, Du Bois publicou seu conhecido ensaio “The Talented Tenth” [O décimo talentoso] em um volume ladeado por importantes contribuições, entre as quais se destaca o texto de Charles W. Chesnutt, intitulado “The Disfranchisement of the Negro” [A privação do direito ao voto dos negros], que combatia a visão dominante da Reconstrução como uma época trágica da história norte-americana<sup>10</sup>. Vale destacar que Chesnutt e Du Bois, poucos anos depois, militaram juntos na organização Niagara Movement. Outro autor negro a se posicionar a respeito do tema foi John R. Lynch, no livro *The Facts of Reconstruction* [Os fatos da Reconstrução], publicado em 1913. O historiador Carter G. Woodson proveu a publicação de dois volumes sobre o tema, por meio da Association for the Study of Negro Life and History, escritos por Alrutheus A. Taylor: *The Negro in South Carolina During the Reconstruction* [O negro na Carolina do Sul durante a Reconstrução] (1924) e *The Negro in the Reconstruction of Virginia* [O negro na Reconstrução da Virgínia] (1926).

A relevância do tema da Reconstrução para Du Bois era parte importante de seu ativismo político, pois todo o imaginário político e cultural que permeou a ascensão do supremacismo branco entre os anos 1890 e 1915, a legitimação social das leis Jim Crow e a nova emergência da Ku Klux Klan

<sup>9</sup> Ed. bras.: W. E. B. Du Bois, *As almas do povo negro* (trad. Alexandre Boide, São Paulo, Veneta, 2021).

<sup>10</sup> Booker T. Washington (org.), *The Negro Problem: A Series of Articles by Representative Negroes of Today* (Nova York, J. Pott & Company, 1903). Além de Du Bois, Chesnutt e do próprio Booker T. Washington, o volume reuniu ensaios de Paul Laurence Dunbar e T. Thomas Fortune.

## RECONSTRUÇÃO NEGRA

estavam alicerçados na idealização do passado escravista do Sul. Uma civilização imaginada de latifundiários atenciosos e escravizados leais que teria sido capaz de produzir um *southern way of life*, imprescindível para a identidade nacional estadunidense e que teria sido arruinado pela abolição e a ditadura do Norte durante a Reconstrução. Obras como o romance *The Clansman* (1905) e o filme nele baseado, *O nascimento de uma nação* (1915), além de *best-sellers* como *The Tragic Era* (1929), investiram na construção simbólica, emocional e imagética da ideologia racista. Importante, igualmente, destacar o famoso livro *E o vento levou*<sup>11</sup>, romance ganhador do Pulitzer em 1937, de autoria de Margaret Mitchell, e que recebeu a famosa versão em filme logo na sequência, sendo lançado nos cinemas no fim de 1939.

No campo acadêmico de grande parte do século XX, essa ideologia, como mostra Du Bois, informava a problemática teórica dos trabalhos da escola Dunning. Conforme relatou Eric Foner – autor da principal obra historiográfica posterior sobre a matéria, *Reconstruction: America's Unfinished Revolution (1863-1877)* [1988] – quanto à sua formação como historiador:

Embora *Reconstrução negra* tenha sido amplamente resenhado em jornais quando foi publicado, teve pouco impacto imediato nos historiadores acadêmicos. De fato, até hoje, nunca foi resenhado no *American Historical Review*, o principal periódico acadêmico da profissão. Nunca foi mencionado em minha própria pós-graduação (embora o brilhante e iconoclasta historiador do Columbia College, James P. Shenton, o tenha incluído em um seminário de graduação que frequentei no início dos anos 1960). Hoje, embora muitos de seus argumentos tenham se tornado senso comum, ele não é amplamente lido. No entanto, *Reconstrução negra* continua sendo um dos melhores volumes sobre a Reconstrução e um desafio para uma disciplina da história, que, até hoje não se reconciliou totalmente com as questões que o livro levanta ou com sua própria cumplicidade histórica na longa história da supremacia branca.<sup>12</sup>

A resistência conservadora por que passou Du Bois tem razões ainda mais profundas, pois o foco atribuído ao período da Reconstrução não significa que Du Bois tenha deixado de contribuir para a análise das causas e dos resultados da Guerra Civil. Sua tese de fundo, nesse sentido, é pioneira e incontornável no interior da extensa produção historiográfica sobre o tema, qual seja, a de que a causa fundamental da guerra não dizia respeito especialmente a um conflito legítimo em torno do alcance do poder federal e/ou da autonomia dos estados, como muito alegado sobre o conflito legislativo em torno de tributos e impostos. A causa de fundo da Guerra Civil residiu essencialmente nos efeitos contraditórios produzidos pela dependência, do país como um todo, da escravidão. Ou seja, o apelo à autonomia dos estados

<sup>11</sup> Ed. bras.: Margaret Mitchell, *E o vento levou* (trad. Marilene Tombini, Rio de Janeiro, Record, 2012).

<sup>12</sup> Eric Foner, "Black Reconstruction: An Introduction", *The South Atlantic Quarterly*, v. 112, n. 3, verão de 2013, p. 417.

pelo Sul dizia respeito, fundamentalmente, à necessidade de se preservar, a qualquer custo, uma forma de exploração do trabalho e, por conseguinte, os mecanismos que permitiam que esse modelo continuasse a se combinar com o mercado capitalista do Norte e da Europa. Uma expressão desses impasses, entre tantas outras, pode ser vista nas disputas jurídicas em torno dos direitos de propriedade de sulistas sobre pessoas e famílias que fugiam da escravidão para o Norte.

O aspecto mais potente do argumento de Du Bois foi ter ressaltado que também o Norte e mesmo seu líder Abraham Lincoln não reconheceram de pronto que essa era a causa de fundo da guerra. De fato, como documenta Du Bois, as lideranças nortistas, sobretudo no início do conflito, de tudo fizeram para contornar o problema da escravidão. Essa posição apenas começou a ser alterada quando, durante os primeiros anos da guerra, foi aos poucos admitido, pelo Norte, que a chance de vitória nos campos de batalha exigiria a participação da população negra e, por isso, era uma necessidade, não uma escolha, a declaração de abolição definitiva da escravidão em todo o território. O Norte podia, enfim, contar com uma força militar cujo recrutamento, pelo Sul, era uma alternativa socialmente inviável.

E foi justo nessa dimensão central do debate historiográfico que Du Bois formulou uma das teses mais originais, e até hoje provocativas, sobre as lutas sociais daquele período. Absorvendo de forma criativa e heterodoxa a teoria marxista, descreveu a participação dos negros na Guerra Civil como produto de uma greve geral, cuja particularidade foi ter sido conflagrada por trabalhadores escravizados, não pelo proletariado assalariado da indústria. O resultado, segundo o autor, foi que a greve geral transferiu o poder dessa força de trabalho, até então confiscada nas fazendas dos confederados, para o “invasor do Norte”. Quando a Guerra Civil foi entendida, enfim, como a emancipação do trabalhador negro, foi essa força social que decidiu os rumos do conflito.

Como afirmou M. Woods num balanço da extensa literatura sobre a Guerra Civil, é consenso que a escravidão esteve “no coração” do conflito, não havendo mais lugar para argumentos segundo os quais a guerra foi travada por conta de “tarifas, direitos dos estados e princípios abstratos de secessão”<sup>13</sup>. Porém, dado que a escravidão é uma questão multifacetada, é certo que o debate acadêmico sobre as causas da guerra continua a explorar o que a escravidão significou em várias de suas dimensões sociais, políticas e econômicas. Ou seja, mesmo que diversificando e aprofundando seu significado, o acúmulo realizado pela pesquisa historiográfica até hoje percorre o caminho analítico pavimentado originalmente por Du Bois.

---

<sup>13</sup> Michael E. Woods, “What Twenty-First-Century Historians Have Said about the Causes of Disunion: A Civil War Sesquicentennial Review of the Recent Literature”, *Journal of American History*, v. 99, n. 2, 2012, p. 415- 39.

## RECONSTRUÇÃO NEGRA

Eric Foner, por sua vez, destaca, em quatro pontos, os aspectos inovadores de *Reconstrução negra* em seu tempo. Em primeiro lugar, a tese de que os anos que sucedem à Guerra Civil estadunidense se caracterizaram por ser um momento único e breve no qual a gente negra obteve direitos e usufruiu de cidadania. Segundo, Du Bois também expandiu, tanto no espaço como no tempo, a compreensão daquele processo histórico ao estabelecer uma delimitação cronológica então original, 1860-1880, em que o pressuposto era de que o período da Reconstrução não poderia ser compreendido sem o exame dos conflitos entre os grupos sociais durante os anos da guerra. Em terceiro lugar, ao inserir os Estados Unidos e a derrota do projeto de democracia abolicionista no quadro de interpretação sobre o imperialismo, a exploração e o extermínio racial em outras partes do mundo, Du Bois superou o provincianismo de uma tradição intelectual em que a história é entendida como singularmente nacional. Por último, e ainda mais decisivo, Du Bois demonstrou como as diversas modalidades de agência negra, individual e coletiva, orientadas pelos significados políticos e culturais da liberdade – expressos de formas múltiplas na desobediência civil à escravidão, na “greve geral” dos trabalhadores negros, no engajamento no serviço militar para a guerra, na atuação política parlamentar, na reconstrução das escolas públicas etc. – ajudaram a moldar o curso da história.

O artigo de Du Bois “Reconstruction and Its Benefits”, que saiu na *American Historical Review* em 1910, foi o último texto assinado por um escritor negro no mais prestigioso periódico da área até o ano de 1980, quando John Hope Franklin publicou “Mirror for Americans: A Century of Reconstruction History” [Espelho para os americanos: um século de história da Reconstrução]. Como apontou D. L. Lewis, a guerra contra a “linha de cor” começou a ser vencida no campo disciplinar apenas depois da morte de Du Bois, com a reedição do livro pela editora Atheneum em 1969 e, em 1988, quando enfim veio à luz a citada obra de Eric Foner. Paradoxalmente, esse movimento não implicou engajamento de leitura e interesse acadêmico equivalentes no que diz respeito a *Reconstrução negra*, ainda que sua abordagem pioneira da agência negra na história tenha se tornado um lugar-comum, conformando linhas inteiras de pesquisa, como os estudos sobre emancipação e pós-abolição nas Américas.

Importante observar, nesse sentido, que a historiografia brasileira da escravidão e do pós-abolição reproduziu, feitas as devidas mediações, esse descompasso entre, de um lado, as iniciativas de resgate de Du Bois como intelectual ou pensador do cânone e, de outro, a circulação e recepção de *Reconstrução negra*. A semelhança é emblemática, ainda mais pelo fato de que *Nada além da liberdade*, do mesmo Eric Foner<sup>14</sup> – uma das obras mais influentes

<sup>14</sup> Ed. bras.: Eric Foner, *Nada além da liberdade: a emancipação e seu legado* (trad. Luiz Paulo Rouanet, São Paulo, Paz e Terra, 1988 [1983]).

para todo um conjunto de pesquisas sobre a vida cotidiana dos escravizados no Brasil, suas estratégias para compra de alforrias, o uso de regras costumeiras para ampliar o espaço de autonomia, os significados da liberdade do ponto de vista da gente negra etc. – tenha sido publicada com texto de apresentação de John Monteiro (1956-2013) pela editora Paz e Terra em 1988 em meio à enxurrada de publicações que marcou o centenário da abolição no Brasil. O livro é um tributo ao sociólogo e historiador negro, como diz Foner logo na introdução:

A dedicatória deste livro é um pequeno tributo a uma das mais importantes figuras da vida americana moderna. Seu monumental *Reconstrução negra* é repleto de reflexões [...] que se tornaram até corriqueiras hoje em dia. [...] Foi Du Bois, mais do que qualquer outro estudioso, quem identificou o conflito em torno do trabalho do escravo emancipado como o problema crucial da Reconstrução (um ponto que ele deixa claro ao intitular o capítulo inicial de seu livro não “O escravo”, mas “O trabalhador negro”). E foi Du Bois quem apontou para o contexto internacional da escravidão e emancipação e para o significado do fracasso da Reconstrução para “esse escuro e amplo mar de trabalho humano na China e na Índia, nos mares do Sul e em toda a África; nas Índias Ocidentais e na América Central... essa imensa maioria da humanidade”. De fato, se alguma convicção animou a abordagem de Du Bois, essa foi a do radicalismo essencial da Reconstrução, uma observação que muitos estudiosos modernos infelizmente perderam de vista.<sup>15</sup>

*Nada além da liberdade* é um clássico dos estudos sobre escravidão e pós-abolição e permanece obra indispensável na formação dos pesquisadores da área. Há quase quarenta anos os historiadores brasileiros estão devidamente bem informados, em língua portuguesa, sobre as contribuições teóricas, a originalidade e os muitos problemas de investigação legados por *Reconstrução negra*. Impressiona que uma área marcada pela valorização de fontes primárias e originais, cujos esforços têm se destacado por compreender os significados da liberdade para gente negra, não tenha mensurado que a oclusão de Du Bois da genealogia desse campo de estudos e da reflexão teórica sobre o trabalhador emancipado integrava silenciosamente as violências e as coerções raciais que marcaram o fim da escravidão nas Américas na própria narrativa historiográfica<sup>16</sup>. Du Bois nasceu em 1868, três anos depois da Guerra Civil,

<sup>15</sup> Ibidem, p. 22-3. Grifo nosso.

<sup>16</sup> As raríssimas menções existentes são ocasionais e tomam a forma de epígrafes, como em Silvia Hunold Lara, “Escravidão, cidadão e história do trabalho no Brasil”, *Projeto História*, São Paulo, v. 16, fev. 1998. Não houve, assim, nenhum esforço de recepção acadêmica de Du Bois no campo da história brasileira, isto é, consideração de suas hipóteses de trabalho na produção de pesquisa, incorporação sistemática de seus livros nos currículos de pós-graduação ou políticas de tradução destinadas à ampliação da circulação de sua obra. Um esforço recente nessa direção foi o pequeno dossiê sobre *Reconstrução negra* organizado pela revista *Mundos do Trabalho*, no segundo semestre de 2025.

## RECONSTRUÇÃO NEGRA

em pleno pós-Emancipação nos Estados Unidos, e viveu com familiares e conhecidos, junto a tantas pessoas descritas neste livro, todas as agruras e as incertezas dessa época. *Reconstrução negra*, em acertos e erros, é a própria narrativa histórica construída a partir dos significados da liberdade para aquela gente negra do pós-abolição. Gente que já foi silenciada por tempo demais.

Passadas quase quatro décadas do alerta de Foner, esperamos que esta tradução enfim reorienta a atenção de pesquisadores para a originalidade analítica e os problemas de investigação, muitos ainda em aberto, legados por Du Bois ao campo da história e da historiografia.

### III

Em fevereiro de 2023, na serra gaúcha brasileira, mais de duzentos trabalhadores foram resgatados nas vinícolas Aurora, Garibaldi e Salton em condições análogas à escravidão – e esse caso serve de exemplo para entender as contribuições sociológicas de *Reconstrução negra* para a análise da formação e do desenvolvimento racializado do capitalismo moderno. Eram trabalhadores terceirizados, na maior parte pretos e pardos oriundos do Nordeste do Brasil, coagidos a permanecer nas fazendas aguentando violências físicas e ameaças de multa por quebra de contrato de trabalho<sup>17</sup>.

Quando o escândalo estourou na imprensa, alguns políticos saíram em defesa das empresas alegando que o problema não eram as condições de trabalho, mas o tipo social e cultural da força de trabalho recrutada. O vereador de Caxias do Sul Sandro Fantinel afirmou:

Temos que botar eles em [hotel] cinco estrelas para não ter problema com o Ministério do Trabalho? [...] Eu só vou dar um conselho: agricultores, produtores, empresas agrícolas que estão nesse momento me acompanhando, [...] não contratem mais aquela gente lá de cima. Conversem comigo, vamos criar uma linha e vamos contratar os argentinos. [...] [Eles] são limpos, trabalhadores corretos, cumprem o horário, mantêm a casa limpa e, no dia de ir embora, ainda agradecem o patrão pelo serviço prestado e pelo dinheiro que receberam. Em nenhum lugar do estado, na agricultura, teve problema com argentino, o grupo argentino. Agora, com os baianos, que a única cultura que têm é viver na praia tocando tambor, era normal que se fosse ter esse tipo de problema. Então, eu quero dizer deixa de lado, deixem de lado e que isso sirva de lição. Deixe de lado aquele povo que é acostumado com Carnaval e festa para vocês não se incomodar novamente.<sup>18</sup>

<sup>17</sup> O endividamento dos trabalhadores mediante empréstimo e cobrança abusiva de alimentos e gêneros de primeira necessidade em estabelecimentos controlados pelos empregadores era outra característica da situação de escravidão. Ver G1, “Trabalhadores resgatados em situação de escravidão no RS: o que se sabe e o que falta saber”, 27 fev. 2023; disponível on-line.

<sup>18</sup> A fala do vereador do Patriota ocorreu na 267ª Sessão Ordinária da Câmara Municipal de Caxias do Sul, em 28 fev. 2023, e está disponível no YouTube.